

SÁBADO

Sábado; e os que sonharam a semana inteira com uma boa praia cheia de sol olham com raiva a manhã fria, de núvens sujas que chuviscam seu tédio sobre o mar.

Um operário foi morto e muitos feridos pela polícia quando pediam solidariedade para sua greve aos colegas de uma fábrica de tecidos, a Confiança. Exatamente aquela cujo apito ia ferir os ouvidos de um rapazinho chamado Noel Rosa. Enquanto isso no "show" do Casablanca — o melhor "show" de Carnaval que eu já vi — há uma coisa lamentável que é um samba (a música, sem maiores novidades, é boa) — em que os ouvintes são concitados a "prestigiar o velho". Acho perfeitamente chato que um cidadão vá a uma "boite" para que lhe sejam impingidos conselhos políticos. Isso seria normal no tempo do Estado Novo, quando os casinos eram como dependências noturnas do Catete e o patriotismo era incrementado pela madrugada, entre o chacoalhar das fichas e o tilintar do gelo nos copos de uísque, graças a senhoritas semi-núas que agarravam a Bandeira Nacional — e o sr. Rola era uma espécie de ministro de Estado, alás dos melhores. E para que diabo prestigiar o velho agora, quando ele tem maioria na Câmara e no Senado, uma oposição profundamente boazinha, uma imprensa oficial e oficiosa em estupenda prosperidade, o rádio nas mãos, tem tudo o que pediu a Deus? É verdade que um cronista bem informado assinala que ele anda de mau humor, passando pito nos ministros. Mas não será com sambas de encomenda e sim com um longo e merecido repouso em São Borja que se alegrará seu coração.

Felizmente aparecem na Câmara alguns deputados prudentes e equilibrados para mostrar as cláusulas absurdas e mesmo humilhantes que nossos tristes negociados deixaram que fossem incluídas no acordo militar com os Estados Unidos. Uma parte da imprensa parece não ter percebido ainda a tremenda responsabilidade que essas cláusulas envolvem e o perigo que elas encerram, alienando a nossa soberania e ferindo a sensibilidade nacional. É claro que os americanos não têm culpa nenhuma; é a nós e não a eles que compete resguardar os interesses do Brasil. Em momentos muito mais graves, como durante a guerra, houve brasileiros como o brigadeiro Eduardo Gomes, que souberam mostrar, embora completamente solidários com a causa norte-americana, que era a nossa própria, que conheciam os limites além dos quais uma aliança militar deixa de ser uma aliança para se transformar em relações entre senhor e capanga.

Esperemos que a Câmara não se deixe dominar pelos comunistas — porque afinal de contas uma das maneiras de fazer o jogo deles é exatamente ser a favor, às cegas, de tudo que eles combatem, ou investir de olhos fechados contra tudo que eles defendem.

E que haja sol domingo, por favor.

8/12/52 R. B.

202